

PROJETO [NÃO] PROJETO

[QUANDO A POLÍTICA RASGA A TÉCNICA]

CONSELHO EDITORIAL

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Larangeira – UFES
André Lemos – UFBA
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-Rio
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ
Cristiane Finger – PUCRS
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
Jaqueline Moll – UFRGS
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Luiz Mauricio Azevedo – USP
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Maura Penna – UFPB
Micael Herschmann – UFRJ
Michel Maffesoli – Paris V
Moisés de Lemos Martins – Universidade do Minho
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Simone Mainieri Paulon – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

PAULO REYES

PROJETO [NÃO] PROJETO

[QUANDO A POLÍTICA RASGA A TÉCNICA]



Editora Sulina

Copyright © Paulo Reyes, 2022

Capa: Antonio Silveira (edição e finalização) sobre a criação de Paulo Reyes
e Gabriel Fernandes

Projeto gráfico: Fosforográfico/Clo Sbardelotto

Editoração: Clo Sbardelotto

Revisão: Felipe Minor

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

R457p Reyes, Paulo

Projeto não projeto: quando a política rasga a técnica / Paulo
Reyes. – Porto Alegre: Sulina, 2022.

184 p.; 14x21cm.

ISBN: 978-65-5759-068-3

1. Arquitetura . 2. Planejamento Urbano. 3. Arquitetura Moderna.
4. Urbanismo. I. Título.

CDU: 72

CDD: 720

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644 – 4º andar

Bairro Santana, CEP 90620-100

Porto Alegre, RS – Brasil

Tel.: (51) 3110-9801

sulina@editorasulina.com.br

www.editorasulina.com.br

Julho / 2022

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

“sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.
fora disso, sou doido, com todo o direito a sê-lo.
com todo o direito a sê-lo, ouviram?”

Fernando Pessoa

SUMÁRIO

[APRESENTAÇÃO] o caminho da lucidez expectante – 9
Nélio Conceição

[PREFÁCIO] “em tempos sonhei”: os gestos
ensaísticos de Paulo Reyes – 16
Maria Filomena Molder

1 **[ENSAÍSMO]** produção de uma narrativa – 21

2 **[ESTABILIDADE]** [re] produção do mesmo – 39

3 **[ESTRANHAMENTO]** produção do desvio – 73

4 **[ESPAÇAMENTO]** produção de vazio – 105

5 **[ESBOÇO]** produção da diferença – 137

[POSFÁCIO] o professor, o tecnólogo, o extensionista – 168
Bruno Cesar Euphrasio de Mello

[REFERÊNCIAS] – 179

APRESENTAÇÃO

O caminho da lucidez expectante

Nélio Conceição

“Preferiria não.” Estas palavras de Bartleby, o escrivão criado por Herman Melville, que a partir de certo dia decide não cumprir as suas funções, poderiam servir de emblema ao livro de Paulo Reyes *Projeto [não] Projeto [quando a política rasga a técnica]*. Este, por seu lado, visa também o “incumprimento” de um certo modo de fazer e pensar o projeto urbano. Recorrendo a expressões que atravessam o livro, neste trata-se de questionar o *saber-fazer* por via do *pensar-fazer*. Não por acaso, de entre as várias figuras literárias e *conceptuais* que nele são invocadas e trabalhadas, o gesto de Bartleby aparece com algum destaque: interrompendo um processo, mantendo-se no *ainda-não*, ele abre espaço para outras temporalidades e outras possibilidades do projeto urbano. Com que objetivo? Antes

de mais, para contrariar as lógicas inexoráveis do urbanismo e da arquitetura, bem como as palavras e as metodologias gastas, que tantas vezes mais não fazem do que ocultar processos de poder e lógicas disciplinares que negligenciam que uma cidade, e o modo de projetar numa cidade, são coisas complexas e sujeitas ao *dissenso*. O subtítulo do livro coloca a tônica no essencial: essa forma de pensar-fazer deverá ser assumidamente *política*, caso contrário, corre o risco de ser reduzida a mais uma roda dentada da máquina em que capitalismo e técnica se calibram mutuamente.

A pandemia originada pelo vírus SARS-CoV-2 teve reflexos imediatos nas cidades confinadas, tornando-as quase desertas, imóveis, entregues ao essencial da sua funcionalidade e às ervas daninhas que foram crescendo pelas ruas, sinais de que, em última instância, a natureza fará sempre o seu caminho por dentro da malha urbana, e que todos os projetos humanos estão sob a ameaça da catástrofe – o que nos deve fazer refletir, tal como o terremoto de Lisboa de 1755 obrigou o espírito iluminista a repensar os seus fundamentos. Representações de cidades interrompidas e destruídas já faziam parte do nosso imaginário por via da literatura, da fotografia ou do cinema, mas agora a questão transformou-se: já não se trata de uma imagem com a qual nos limitamos a imaginar; desta vez nós próprios somos parte da imagem. A interrupção pandêmica ligou-se à espera, à incerteza de que somos atores. Não sem uma ponta de ironia, o tempo da interrupção de *Bartleby*, que Paulo Reyes recupera para injetar uma outra vida no projeto urbano, desdobrou-se de forma ambígua no tempo da interrupção pandêmica.

Tal como os aviões que marcam a transitoriedade do lugar que potenciou a escrita, também a ambiguidade desse

tempo de suspensão entra na paisagem de pensamento do texto, e parece ter libertado o seu autor para uma deambulação livre pelas muitas ruas da subversão das narrativas consolidadas sobre a cidade e o projeto urbano. Essa deambulação é também a de um professor que, na sua assumida função social e ética, se predispõe a tatear, com tudo o que esta palavra conserva do âmbito do toque, da experimentação, da investigação, da espera e da expectativa. Neste sentido, o livro está também ligado ao Estágio de Professor Visitante Sênior que Paulo Reyes realizou no IFILNOVA – Instituto de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa, entre 1 de outubro de 2019 e 30 de setembro de 2020. E não apenas porque esse ano lhe concedeu a oportunidade de mergulhar na escrita. Com o título de “Operação por imagens na experiência de leitura e projeto da cidade”, o seu próprio plano de trabalhos como Professor Visitante desenvolveu-se em proximidade com os temas e as abordagens do projeto de investigação “Fragmentação e reconfiguração: a experiência da cidade entre arte e filosofia”¹. Reunindo a perspectiva (com vocação crítica) do arquiteto com o trabalho *conceptual* da filosofia e com um foco interdisciplinar inspirado pelas artes e pela literatura, os temas apresentados e discutidos por Paulo Reyes abriram uma série de articulações com o trabalho realizado pela equipe do projeto de investigação, articulações que se

¹ A decorrer entre 1 de outubro de 2018 e 30 de setembro de 2022. Financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/FER-FIL/32042/2017). Maria Filomena Molder é a Investigadora Responsável e Nélio Conceição co-Investigador Responsável.

prendem não só com os autores abordados (como Walter Benjamin, Georges Didi-Huberman ou Jacques Rancière), mas também com temas mais concretos relacionados com as práticas artísticas em contexto urbano e com debates contemporâneos sobre urbanismo e arquitetura, muito prementes na cidade de Lisboa, que tantas mutações impensadas tem sofrido nos últimos anos. Tateando – experimentando, investigando e partilhando – as leituras da estética filosófica, a pesquisa de Paulo Reyes em Lisboa abriu também um tempo e um lugar muito particulares, numa espécie de suspensão produtiva que atravessa o presente livro.

Este procura os bons conceitos e os bons autores, mas também apresenta trabalhos de doutoramento em curso; procura, portanto, os bons aliados para uma disputa no próprio campo disciplinar – do urbanismo e da arquitetura – onde o texto nasce e ao qual se dirige, por mais necessários que sejam os desvios por outros modos de pensar e fazer. Esse campo disciplinar tem (à semelhança de outros campos que Michel Foucault analisou de forma paradigmática) um poder discursivo que serve os mecanismos da sua autossustentação. Ao trazer para a discussão a dimensão política, Paulo Reyes visa assim “desnaturalizar” o discurso sobre o saber-fazer, mostrando não só onde residem as formas de poder que o modelam, mas também, e desde logo, pistas para nele introduzir a diferença. No tatear, na procura, os conceitos filosóficos tornam-se conceitos operativos: *negação*, *torção* e *espaçamento* põem em movimento o próprio pensar-fazer, exigindo-lhe uma ação transformadora. E isto não são meros jogos de palavras, desde logo porque estamos num domínio prático e técnico, relativo aos procedimentos e às metodologias do projeto urbano, que não pode ser

desconsiderado. O agulhão da crítica será sempre o de questionar: mas que procedimentos, que metodologias?

O capitalismo é um sistema econômico e de organização da vida individual e coletiva com uma grande capacidade de adaptação às crises. Veremos como, nos diferentes contextos sociais e políticos, se projetará a recuperação econômica na ressaca da crise pandêmica; e que rumos – que projetos urbanos – serão vinculados às cidades que, como Lisboa, viram interrompido um rápido processo de gentrificação e turistificação. É também neste contexto que o livro de Paulo Reyes revela a sua atualidade: rasgar a técnica é pôr em questão determinadas narrativas de progresso econômico que vêm sempre atreladas a narrativas históricas (mesmo que de forma encapotada). Podemos ter perdido o caráter ingênuo da concepção de progresso herdada dos primórdios da época moderna e consolidada no século XIX, mas não perdemos o eixo *ciência-técnica-progresso* que alimenta tantas disciplinas e tantos saber-fazer. Lançando-se no futuro e apoiando-se num *ato resolutivo* suportado pela técnica, a ideia tradicional de projeto urbano traz também as reminiscências desse eixo e dos seus ideais. Vários autores puseram a descoberto a ilusão de neutralidade que tantas vezes encobre as forças tremendas que constituem a técnica: seja pela crítica da ideia de instrumentalidade segundo a qual a técnica é vista como um mero meio para alcançar fins (Martin Heidegger), seja pela destruição do caráter ilusório da concepção historicista que suporta a neutralidade do progresso e das conquistas da técnica (Walter Benjamin). Perante este quadro, tem-se tornado imprescindível, nas diferentes áreas de conhecimento, desfazer esse caráter neutro. Paulo Reyes tem isso bem presente no que toca ao

projeto urbano, entendido como ato resolutivo e consensual que, aparentemente, não faz outra coisa senão unir o possível ao concretizável. Trazendo para cima da mesa a urgência desse debate, este livro acrescenta-lhe uma dimensão dissensual e política inspirada sobretudo pelo pensamento de Jacques Rancière.

Já Henri Lefebvre chamava a atenção para os perigos das concepções idealizadas do planejamento urbano, assentes numa concepção de cidade ideal, na postura do arquiteto ou do urbanista todo-poderoso, com a sua tendência para se tornar um “médico do espaço”. Embora não recupere Lefebvre, Paulo Reyes situa-se nessa linhagem crítica e chama-nos repetidamente a atenção para a armadilha de palavras gastas como “revitalização”, que escondem não apenas concepções idealizadas, mas também a própria força do capital, da mais-valia, da especulação imobiliária que mercantiliza o espaço e as vidas, as nossas vidas. São forças muito poderosas. Segundo a proposta de Paulo Reyes, para contrariá-las é necessário o tempo da demora e da hesitação, da espera que deixa entrar os dissensos e as contradições. O leitor deste livro poderá não ter tempo para essa demora, mas terá de confrontar-se com ela.

Ora, uma proposta destas não sobrevive sozinha. E o último capítulo traz um espírito coletivo que, ao invés de qualquer desejo de uniformidade, parece sim indiciar a necessidade do trabalho com o outro. Esse coletivo faz-se num grupo e faz-se com colegas que têm obra feita nestas questões, mas faz-se também, e sobretudo, com as orientandas e os orientandos que, numa espécie de desdobramento dessa almejada aprendizagem mútua defendida desde o primeiro capítulo, desdobram os vários conceitos trabalhados, for-

necendo-lhes operatividade, casos de estudo, contrapontos, uma ligação a contextos específicos.

Este livro é alimentado por uma forma muito particular de inquietação, talvez até por um certo desconforto, e daí a injunção de mudança que o percorre (a expressão “é preciso...” repete-se várias vezes). Mas, acima de tudo, é alimentado por uma expectativa. À enunciação do ainda-não não se pode exigir um método cartesiano ou um caminho de deduções bem definidas. Por vezes, as ideias são formadas por nebulosas de inquietações, por constelações de conceitos que clamam por uma comunidade capaz de albergar as diferenças. Instalar a demora e a espera no projeto urbano é criar a expectativa de novas formas de lucidez, que porventura não encontraram ainda o seu tempo. Ao longo dos capítulos, o “preferiria não” vai abrindo espaço para o “é preciso”, o caminho da lucidez expectante.

[PREFÁCIO]

“Em tempos sonhei”: os gestos ensaísticos de Paulo Reyes

Maria Filomena Molder

Tive o prazer de conhecer Paulo Reyes em Lisboa, no quadro do projeto de investigação “Fragmentação e Reconfiguração: a experiência da cidade entre arte e filosofia”, enquanto Professor Visitante Sênior no IFILNOVA – Instituto de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa –, entre 1 de outubro de 2019 e 30 de setembro de 2020².

Na amigável convivência que mantivemos, intelectualmente muito gratificante, verifiquei desde o início que o natural de Paulo Reyes se alimenta do seu fino poder de observação, surpreendendo para cada coisa a sua fisionomia.

² Para esta e outras indicações complementares, consulte-se a Introdução de Nélcio Conceição.

Tempero preferido, o humor manifestava-se muitas vezes através de um jogo dramático mimético, gracioso e preciso. Assim também a atmosfera do seu livro, *Projeto [não] Projeto [quando a política rasga a técnica]*, a que se acrescenta um outro ingrediente, a saber, a fidelidade sem vacilações aos seus mestres (mesmo que haja o sonho de aprender sem mestres): Agamben, Deleuze, mas sobretudo Rancière (e ainda Foucault, Didi-Huberman, Judith Butler).

Nas obras de construção (manutenção de um edifício ou edificação de um novo) é obrigatório pela lei em Portugal colocar uma tabuleta com informações relativas ao tipo de construção, tempo de execução, empresa de construção, número de autorização camarária, etc. A primeira informação, uma fórmula, era dada sob forma interrogativa: “O que vai acontecer aqui?”. Paulo Reyes comentava o caráter capcioso de tal pergunta, pois, na verdade, não havia acontecimento, antes projeto com todos os seus instrumentos previstos e preventivos³.

Excelente pedra de toque para este seu estudo sobre o projeto, que assenta não só numa crítica rigorosa dos seus pressupostos e uma avaliação ponderada e ousada dos seus efeitos na vida da cidade habitada por nós, mas também na expectativa de acrescentar um imprevisível “não”, abrir uma interrupção, efetuar um desvio, introduzindo um pequeno vazio no cheio naturalizado, no contínuo das construções planejadas e controladas pelos projetos, filhos da técnica

³ Sobre este assunto consultar: COSTA, Ana Elisia da; REYES, Paulo. O que vai acontecer aqui? *Arquitextos*, São Paulo, ano 21, n. 247.02, Vitruvius, dez. 2020 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.247/7963>>.

que põem entre parênteses a sua serventia para o capital, no urbanismo programado pelas forças políticas e financeiras em jogo: a revitalização é um dos passes de mágica desta santa aliança, a cuja desmontagem se aplica Paulo Reyes.

E, no entanto, talvez seja preferível suspender a caracterização de “estudo”, pois, como o autor assinala, neste livro não se trata de um tema, antes do compromisso de “deslocar certezas, produzir rasuras, abrir poros”, jogado entre o gesto de resistir e o de arriscar, que se desenrola nos seus cinco capítulos: 1) Ensaísmo; 2) Estabilidade; 3) Estranhamento; 4) Espaçamento; 5) Esboço. A sequência é eloquente e os subtítulos concedem as boas evidências: “produção de uma narrativa”; “[re] produção do mesmo; “produção do desvio”; “produção de vazio”; e, finalmente, “produção da diferença”. Detenhamo-nos neste último. É bem elucidativo que, em vez de uma conclusão, Paulo Reyes se decida pelo reconhecimento dos seus afins, olhares associados aos dele, renovando a expectativa de edificar uma comunidade de iguais (expectativa cuja inspiração procede de Rancière): eis o traço colaborativo sustentado por uma “estrutura de endereçamento” (Judith Butler).

Por conseguinte, estamos diante de um ensaio em toda a polifonia dos seus usos: tentativa que não abdica de o ser (uma experimentação e uma auto-experimentação); inventividade que suspende qualquer ato teórico fundador sem abdicar do conceito; preferência, no quadro das categorias da modalidade, pela possibilidade, seguindo o entrelaçamento nascido do chamamento recíproco entre realidade e ficção, proposto também por Rancière. Em suma, uma arte de pensar-fazer.

Os gestos do arquiteto Paulo Reyes, enquanto pensa a arquitetura, inscrevem-se aqui. Primeiro, deslocando o conceito de projeto do ato para a potência (Agamben), inscrevendo-o na esfera do desejo, e instaurando uma oscilação entre projeto como ser e projeto como não-ser. É assim que surge uma poeira de indeterminação e demora, preparatória da instalação da dimensão política que subverte o saber-fazer da técnica. Segundo, criando distância, desequilíbrios, preservando as lacunas. Terceiro, devolvendo ao sonho o seu valor heurístico. O sonho é o operador da interrupção, da suspensão e dos desejos: “Em tempos sonhei”.

Vale a pena concentrarmo-nos, por um lado, na temporalidade que o sonho faz propagar e, por outro, no papel desempenhado pela ficção. Em ambos os casos, a imaginação é a potência inventiva, quer para o “futuro do pretérito”, confiante na fertilidade da conjunção “se”, uma forma de ética que se pode resumir a: “É preciso projetar sonhar e sonhar projetar”; quer na intuição certa de que as obras literárias fornecem o bom acesso à compreensão dos problemas teóricos através da instauração de constelações imagéticas, a liberdade própria da ficção.

É assim que Paulo Reyes vai surpreender 1) em *História do cerco de Lisboa* de José Saramago, o movimento de uma negativa, que interrompe as consonâncias gastas de uma narrativa discursiva; 2) em *Bartleby escrevente – uma história de Wall Street* de Herman Melville, a torção que prepara a instalação de uma determinação dialética; e 3) e em *Esperando Godot* de Samuel Beckett, um espaçamento que permite adiar o processo normalizador do projeto pela incorporação de olhares que lhe são marginais.

Uma palavra ainda sobre o travo que se saboreia neste livro e que deriva da atenção que o autor dá ao seu dia, ao agora, em constante evanescência, das portas fechadas e janelas abertas, dos corpos isolados da multidão, da rua como objeto de desejo. Nesse agora onde se joga a tensão entre memória do passado e a imaginação do futuro: “Meu corpo”, diz Paulo Reyes, “transita nessa linha temporal sem movimentar-se”.